

O Papa Francisco e o Reposicionamento Da Igreja Católica em Tempos de Modernidade e Crises de Sentido¹

Hudson RAMOS²

Prof. Dr. Alfredo VIZEU³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

A partir da discussão da produção de sentidos e construção do real, este artigo procura evidenciar o empenho da Igreja Católica, através do discurso de seu líder maior, o Papa Francisco, diante de uma crise de pertencimento por boa parte dos fiéis católicos, num contexto de modernidade e outras fontes de sentido, em (re)apresentar a religião católica como comunidade geradora de sentido pleno e em diálogo com as demais instituições geradoras de sentido na vida do ser humano.

Palavras-chave

Catolicismo; Comunicação; Discurso; Modernidade; Religião.

Abstract

Based on the discussion of the production of meanings and construction of the real, this article seeks to highlight the commitment of the Catholic Church, through the speech of its greater leader, Pope Francis, in the face of a crisis of belonging by a large number of Catholic faithful, in a context of modernity and other sources of meaning, in (re) presenting the Catholic religion as a generating community of full meaning and in dialogue with the other institutions that generate meaning in the life of the human being.

Key words

Catholicism; Communication; Speech; Modernity; Religion.

¹ Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Hudson Ramos Santos das Chagas. Estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação do CAC-UFPE, email: hudson_ramosc@hotmail.com.

³ Alfredo Eurico Vizeu Pereira Junior. Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social do CAC-UFPE, email: a.vizeu@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Há quase dois mil anos, após a crucificação de Jesus Cristo, as primeiras comunidades cristãs começaram a ser perseguidas por propagarem os ensinamentos de Jesus e irem de encontro a alguns comportamentos defendidos principalmente pelos costumes do povo judeu.

Detentores de um forte espírito de resiliência e entrega, muitos cristãos das primeiras comunidades foram perseguidos, torturados e mortos por defenderem um estilo de vida baseado em referências que não eram majoritárias naquele momento. A esses cristãos são dados o título de cristãos mártires, ou seja, aqueles que entregaram suas próprias vidas pelo anúncio do evangelho de Cristo.

Após um grande período de instabilidade e caça cruel aos seus membros, a Igreja Católica Apostólica Romana, naquele momento a única Igreja Cristã, conseguiu se ramificar por diversos territórios e passou a ter grande influência na vida e decisões públicas das sociedades, ancorada em suas alianças políticas com os grandes governantes da época. Assim, de perseguidos e minoritários, os católicos constituíram-se como a religião de maior número de membros do planeta, além de tornar-se, em alguns momentos, perseguidora enquanto doutrinadora da moral e do comportamento de vários povos por toda a Terra.

Por outro lado, se o catolicismo vivenciou períodos de forte influência nas decisões políticas de diversos continentes, com ênfase nos períodos compreendidos entre a alta idade média e o enfraquecimento dos regimes absolutistas, já na reforma protestante e em seguida com os ideais do movimento iluminista no século XVIII, a Igreja de Roma sofreu sucessivos ataques a sua legitimidade enquanto detentora de poderes para governar as nações e deixou paulatinamente de agir diretamente na governança dos países passando a se voltar mais para o seu interior, no que se refere a preservar suas estruturas e cuidar dos seus fiéis.

Embora possa ser dito que a influência política do catolicismo tenha sido reduzida, não se pode afirmar que a interferência no comportamento dos indivíduos, no que se refere aos parâmetros da moral e da correta conduta de vida, tenha deixado de ser realizada. Por muitos anos, vários países, incluindo o Brasil, tiveram o catolicismo como religião única e oficial, fazendo com que os seus ensinamentos fossem

incorporados na socialização das pessoas e na formação subjetiva da experiência do real por parte de cada indivíduo.

Atrelado ao desenvolvimento das civilizações, fortaleceram-se as estruturas das instituições que cumpririam – e cumprem até hoje – o importante papel de serem um norte para as pessoas e, dessa forma, influenciariam no seu comportamento e na forma de experimentar a realidade. Julgamos valer a extensa citação que nos traz uma breve reflexão da teoria das instituições de Arnold Gehlen:

As instituições foram criadas para aliviar o indivíduo da necessidade de reinventar o mundo a cada dia e ter de se orientar dentro dele. As instituições criam ‘programas’ para execução da interação social e para a ‘realização’ de currículos de vida. Elas fornecem padrões comprovados segundo os quais a pessoa pode orientar seu comportamento. Praticando esses modos ‘prescritos’ de comportamento aprende a cumprir as expectativas ligadas a certos papéis como casado, pai, empregado, contribuinte, transeunte, consumidor. Quando as instituições funcionam normalmente, o indivíduo cumpre os papéis a ele atribuídos pela sociedade na forma de esquemas institucionalizados de ação e conduz sua vida no sentido de currículos de vida assegurados institucionalmente, pré-moldados socialmente e com alto grau de auto-evidência (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 54).

Contudo, a perda da autoevidência por parte do indivíduo em tempos de modernidade tem ocasionado crises de sentido em seres humanos e refletido na sustentação das instituições há muitos anos já estabelecidas, como é o caso da própria Igreja Católica. Um dos desafios dos líderes da igreja de Roma é enfrentar a já duradoura dificuldade dos fiéis sentirem-se realmente pertencentes à religião e diante de inúmeras possibilidades, sejam de outras religiões, ou de modos de vida, ou até de migração constante entre credos e religiões, reafirmarem-se como cristãos católicos autênticos.

A IGREJA UNA

Desde o início das primeiras comunidades cristãs uma das preocupações dos pastores do povo era preservar a unidade entre os integrantes da religião. Um dos maiores impulsionadores do catolicismo primitivo foi São Paulo, que passou por diversas regiões falando sobre Jesus Cristo e fundando novas comunidades. Passado um tempo e já migrado para outras regiões, Paulo não deixava de se comunicar com as

comunidades por ele já conhecidas e era constante o envio de suas cartas cheias de recomendações, esclarecimentos e até mesmo cobranças e correções fraternas. Tudo para se cultivar a unidade da comunidade de fé.

Sem dúvidas, o cristianismo, em seus primeiros anos, sofreu forte resistência e precisou saber lidar com os novos adeptos da fé que possuíam uma cultura que muitas vezes ia de encontro ao que a religião os pedia. Antes mesmo do cristianismo, ainda nos limitando às comunidades relatadas na bíblia, o povo de Israel guerreou com vários povos para se fixar na almejada terra prometida. Por onde a comunidade de Israel passava, pessoas de outros povos aderiam aos israelitas mas, inicialmente, não havia uma cobrança para uma conversão imediata, contanto que os estrangeiros não se opusessem quanto à crença das tribos israelitas no Deus único.

De Pedro, o primeiro papa, a Francisco, o atual, a Igreja Católica Apostólica Romana buscou concentrar em seu líder a função de garantir a unidade de sua comunidade de aproximadamente um bilhão e duzentos milhões de membros, nos dias atuais. Para isso, tornaram-se comuns documentos ou pronunciamentos dos sumo pontífices como cartas de exortação apostólicas, catequeses e pronunciamentos públicos, que sinalizavam aos seus membros o caminho a ser percorrido por todos em favor da unidade e em obediência à igreja. Comunicar Cristo seria sempre comunicar também uma forma de viver. E a partir da proposta de vida cristã, todos os seus adeptos são convidados a utilizar o filtro religioso em suas vidas e, conseqüentemente, na compreensão do mundo ao seu redor.

Uma vez estabilizada e politicamente protegida, a Igreja Católica tornou-se uma grande fonte de sentidos e regimes de valores que foram absorvidos, e ainda são, por muitos povos. Trata-se do discurso religioso como um poder simbólico⁴ exercido na vida das pessoas. Um poder que opera na construção da realidade e condiciona uma ordem e um sentido imediato do mundo, chamado por Durkheim de “conformismo lógico”⁵. “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser

⁴ Neste breve estudo, tratamos aqui de aplicar os conceitos sempre contextualizados diante das diferentes épocas em que o catolicismo foi aderido e, de uma forma ou de outra, mais intenso em alguns momentos e mais singelo em outros, impactou na vida das civilizações. Tenhamos também a preocupação, uma vez que o contrário disso seria ingenuidade, de reconhecer que não é apenas o discurso religioso, em nosso caso o da Igreja Católica, produto de uma instituição, que influencia os regimes da percepção e apropriação do real por parte do indivíduo.

⁵ Cf BERGER e LUCKMANN, 2004.

exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2002, p. 7-8).

Durkheim, alinhado à tradição idealista e Kantiana, não aceitava as formas de classificação do poder simbólico como formas universais e defendia suas formas como formas sociais, arbitrárias, ou seja, relativas a um grupo particular, e socialmente determinadas. Nessa perspectiva, o consenso entre as subjetividades pertencentes aos grupos sociais e em constante diálogo estruturarão a objetividade que constrói o sentido real do mundo⁶.

Bourdieu, ainda em suas palavras sobre o poder simbólico, aponta sobre a tradição marxista privilegiar as “funções políticas” dos “sistemas simbólicos” enquanto produções simbólicas ligadas ao interesse das classes dominantes e como esse poder de “naturalização” das estruturas vigentes tem o potencial desmobilizador para com os grupos minoritários. Fazemos aqui uma ligação com a influência exercida pela Igreja Católica na cultura de respeito aos reis e governantes principalmente no forte período dos regimes absolutistas. Quando os portugueses decidiram explorar o Brasil e escravizar os índios, uma das preocupações foi que trouxessem com eles religiosos Jesuítas, famosos pelo seu trabalho em terras distantes e recém-exploradas, com o objetivo dos padres catequizarem os índios. A catequese desempenhada não seria apenas com o intuito e apresentar o Deus cristão, mas, certamente, visando que os índios incorporassem um comportamento cristão pacífico e obediente, logo, mais fácil de ser dominado.

A MODERNIDADE E A PLURALIDADE RELIGIOSA

Uma vez estruturadas e culturalmente absorvidas por seu público, as instituições passaram a ser buscadas pelos indivíduos como um suporte a contribuir nas interpretações e decisões individuais do cotidiano, além de serem agora parte integrante da formação subjetiva daqueles que se vinculavam de alguma forma a elas. Não só as instituições, mas também os outros indivíduos ligados de alguma forma serão sempre parte condicionante da subjetivação individual, bem como o próprio indivíduo contribuirá para a subjetivação do pensamento daqueles que estão a ele, de alguma

⁶ Cf. CASSIER, 1946 *apud* BOURDIEU, 2002.

forma, vinculados. Ou seja, compreender as influências das instituições no processo de formação subjetiva no indivíduo é perceber também as relações sociais inerentes ao processo de contato e influência.

À medida que o indivíduo interage socialmente e passa a buscar as instituições como fontes de sentido em sua vida, o indivíduo possuirá também referenciais humanos e, paulatinamente, perceberá a sua presença individual. É isto que constitui a essência da identidade pessoal: controle do subjetivo sobre uma ação pela qual se é responsável objetivamente (BERGER e LUCKMANN, 2004, p. 26).

Alinhar-se à perspectiva de sentidos gerados por instituições e por indivíduos a si vinculados é depositar uma confiança institucional nas estruturas e na durabilidade da comunidade. Tomemos o exemplo de uma criança cuidada por dois adultos. Levemos em consideração que os dois adultos exerçam forças iguais na formação da citada criança. Se um determinado comportamento for cultivado de diferentes formas pelos dois adultos, é provável que se gere uma crise de sentido na criança que tenta absorver em sua identidade pessoal o hábito de quem a cuida. De forma mais clara, se essa criança, por exemplo, leva uma bronca de um de seus responsáveis por deixar a toalha molhada em cima da cama, mas constantemente ela ver o seu outro responsável fazendo a mesma coisa sem se importar ou ser repreendido, certamente essa criança não consiga perceber, a princípio, em qual das culturas ela deva se alinhar.

Nas sociedades pré-modernas era bastante comum se encontrar civilizações “fechadas” que detinham hábitos culturais rígidos e tidos como únicos e obrigatórios dentro de um sistema de valores adotados por todos. Era de se esperar que não houvesse tantas possibilidades de crise de sentido, uma vez que a quase totalidade dos membros da comunidade eram levados, e provavelmente também queriam, estar inseridos dentro das práticas impulsionadas pelas instituições e adotadas pelos membros da comunidade.

Um fenômeno trazido pela modernidade talvez não seja simplesmente a substituição de fontes geradoras de sentido, mas a coexistência de antigas fontes com novas que colocam em encontro, desencontro, ou até mesmo confronto, outras perspectivas de sentido e geram uma disputa de forças entre as instituições. Concordando com Berger e Luckmann (2004), defenderemos neste breve estudo que a pluralidade de fontes de sentido detentores das mesmas condições seja a causa majoritária das crises de sentido do homem moderno pela dificuldade de identificação

por parte do indivíduo e por ele próprio não possuir mais uma referência única na qual se apoiar.

As instituições mais impactadas na modernidade foram as políticas, econômicas e religiosas, estas de forma ainda mais acentuada e focadas neste estudo. Os grupos sociais deixam de deter sistemas de valores comuns, além de não terem uma realidade única. Apropriemo-nos de um exemplo bastante simples. O toque do sinal para o intervalo nas escolas. Uma vez incorporadas na cultura escolar, as crianças passam a reconhecer qual dos toques do sinal da escola refere-se ao início do intervalo para o recreio. Ou seja, a comunidade escolar detém aquele horário e toque do sinal específico para o início do intervalo. Porém, agora comparando aos hábitos de grupos distintos com experiências de sentido diferentes o mesmo toque pode não mais se referir à atividade previamente exemplificada.

Detenhamo-nos, agora, um pouco mais nos impactos gerados no campo religioso. Um dos fatos da modernidade é o enfraquecimento das instituições religiosas que não deve ser confundido com a falta ou extinção da religiosidade. A “*desigrejização*”, termo defendido por Berger e Luckmann (2004), é o reflexo do distanciamento da religião de sistemas como o político e o educacional. Embora se possa dizer que a modernidade tenha trazido a “liberdade” do surgimento e prática de novas religiões, não é coerente dizer que houve um aumento proporcional na adesão às religiões.

Mesmo que a pluralidade religiosa pareça ser uma ampliação da oferta de diferentes experiências de fé e de sentido, não é incomum encontrar entre os homens da modernidade pessoas que não se identificam mais com nenhuma instituição religiosa. Tomemos como exemplo o Brasil. O Censo⁷ realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2010 apontou o maior número de religiões registradas em todas as edições do censo. Mesmo assim, em 2010 cresceu a porcentagem de pessoas que se declararam sem religião, passando de 7,4 para 8,0% dos brasileiros.

Como reação à saída dos fiéis de suas comunidades, as igrejas têm enfrentado o desafio constante de como se reaproximar dos que se desgarraram, além de conseguir novos adeptos. Um segmento que tem tido êxito no Brasil é o das igrejas de origem

⁷ Resultados do Censo das religiões e deficiências no ano de 2010 podem ser encontrados no link http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf.

neopentecostal, que tem tido um aumento significativo no número de fiéis nos últimos levantamentos do IBGE, alcançando em 2010 a marca de 13,3% da população brasileira.

Embora não seja nosso foco neste momento, detenhamo-nos mais um pouco nesse fenômeno. Brenda Carranza (2011) compreende o fenômeno das igrejas neopentecostais, a exemplo da Igreja Universal do Reino de Deus, assim como, de certa forma, o segmento da Renovação Carismática na Igreja Católica, a exemplo do padre Marcelo Rossi, como uma busca da evangelização nos grandes conglomerados urbanos, alinhados ao “espírito do tempo” e que viabilizam uma ressignificação da experiência religiosa, desta vez concentrada em grandes templos, geralmente concentrando uma grande multidão que, embora esteja reunida numa coletividade, vivencia uma experiência do sagrado cada vez mais individual, que é centrada na individualidade do fiel e centraliza Deus como o solucionador de todos os seus problemas.

Trata-se de um redirecionamento da experiência do sagrado que é oferecida pelas instituições, passando-se do campo das certezas doutrinárias, dogmas, cânones explicativos da manifestação “autêntica” do divino, para as experiências de apreensão do destino, da existência, de maneira privada e privativa, não regulamentada, que reorientam as trajetórias espirituais modernas⁸.

FRANCISCO: O PAPA DO ENCONTRO

Eleito no dia 13 de março de 2013, o Papa Francisco, o primeiro papa latino americano, e jesuíta, desde seus primeiros pronunciamentos públicos tem demonstrado uma nova forma do agir pastoral, enquanto líder da religião com o maior número de membros do mundo. Detentor do título de chefe da Igreja na Terra, o bispo de Roma tem entre as suas obrigações a busca incessante pela unidade da igreja e o esforço em apontar o caminho que seus liderados devem procurar seguir. Pela tradição, e pela adesão dos membros à religião, Francisco, como o líder maior da grande comunidade

⁸ BERGER, 2004 apud CARRANZA, 2011, p. 113.

católica, tem, acredita-se, sempre a comunidade pronta para ouvir os seus encaminhamentos⁹.

Uma das maiores preocupações demonstradas pelo Papa Francisco desde o início de seu pontificado é o diálogo inter-religioso e com as diversas instituições. Ao invés de uma igreja fechada em suas paredes, fala-se em uma igreja em saída, que vai ao encontro do outro que está lá fora afastado e, não raras vezes, é diferente de nós. Refletir sobre o empenho de Francisco em promover reformas na igreja católica romana não se trata apenas de um fortalecimento estrutural da religião, mas é permitir-se perceber o esforço de não mais defender o catolicismo como uma instituição superior que advoga para si o poder de influência na história da humanidade, e sim, agora, como uma comunidade religiosa que dialoga com quem é diferente e busca o respeito e o equilíbrio nas culturas e conflitos entre os povos.

Em seu discurso em uma plenária do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso, na Sala Clementina do Palácio Apostólico, no dia 28 de novembro de 2013, o papa Francisco defendeu que não há contradições quando cristãos buscam dialogar com outras religiões.

O diálogo não significa desistir de sua própria identidade quando se vai ao encontro do outro, e nem mesmo ceder a compromissos com a fé e a moral cristã. Pelo contrário, ‘a verdadeira abertura implica manter-se firme em suas próprias convicções mais profundas, com uma identidade clara e alegre’ (ibid., 251)¹⁰ e, por isso, aberta a compreender as razões dos outros, capaz de relações humanas respeitadas, convictas que o encontro com quem é diferente de nós, pode ser uma oportunidade de crescimento na fraternidade, enriquecimento e testemunho (SANTA SÉ, 2013).

Entre os seus compromissos oficiais, não são incomuns as atividades em comunhão com comunidades de outras religiões e a busca pela proximidade. Exemplo disso foi a participação do papa em celebrações oficiais realizadas em outubro de 2016, em ocasião dos 500 anos da Reforma Protestante¹¹, e dos 50 anos de diálogo ecumênico

⁹ Max Weber em “Os três tipos puros de dominação legítima” (1982) segmenta em três tipos as formas de dominação das comunidades. A dominação carismática é a que mais se aproxima da situação em que temos nos empenhado a descrever.

¹⁰ Referência a um trecho da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (A Alegria do Evangelho), 2013.

¹¹ Mais detalhes disponíveis em:
http://pt.radiovaticana.va/news/2016/06/02/papa_na_su%C3%A9cia_para_os_500_anos_da_reforma/1234212.

entre as duas religiões, do qual foi produzido um documento conjunto intitulado “Do Conflito à Comunhão”.

Fortalecer o vínculo com outras instituições, a exemplo das outras instituições religiosas, corrobora com a pretensão de uma igreja presente no meio dos povos, conhecendo suas realidades e contribuindo para a cultura da paz. Não seria um enfraquecimento de identidade, antes, seria a construção de uma identidade coletiva enquanto tomada de consciência da própria existência com suas fraquezas e forças, reconhecendo a existência e importância do outro diferente de si, além do compartilhamento de opiniões, valores, crenças e etc.

A busca do 266º papa católico não se limita aos que estão fora, mas também aos que estão dentro da igreja. Desde o início de seu pontificado, Francisco sinaliza as mudanças já discutidas no conclave que lhe elegeu em março de 2013 e lidera os esforços por um repensamento das estruturas da igreja católica que visam atender às mudanças dos tempos e preservar o protagonismo do catolicismo na vida da comunidade.

Embora possa ser caracterizado como um progressista, o pontífice tem evidenciado em seus pronunciamentos que não se trata de mudar doutrinas da igreja, e sim continuar o processo de discernimento que, inclusive, seus antecessores já o faziam. Temas como a acolhida dos fiéis homossexuais, a possibilidade de mulheres exercerem o diaconato permanente, a transparência no uso dos recursos do Vaticano, a preocupação de se aliar a religião com o cuidado ecológico permanente, a intervenção propositiva em situações de conflito internacional, são sinais tangíveis dos esforços que têm promovido mudanças internas na igreja católica.

O DISCURSO CATÓLICO: MUDAR OU PERMANECER?

Enquanto líder que incentiva a aproximação, o papa Francisco cumpre o papel de formar a consciência de seus liderados, construindo um pensamento coletivo majoritário que se alinha a suas indicações. Patrick Charaudeau¹², no seu estudo

¹² Cf. CHARAUDEAU, 2016.

intitulado “A Conquista da Opinião Pública”, aborda a manipulação¹³ da opinião pública inserida num contexto de relações de força entre agentes ativos no processo de regulação social e que agem por legitimidade, autoridade e potência. No caso de Francisco, sua legitimidade concentra-se na sua condição de líder religioso católico, reconhecida sua autoridade enquanto servo experiente e dignamente eleito, além de possuir os recursos humanos, financeiros e tecnológicos que viabilizam a transmissão de sua mensagem aos fiéis e demais habitantes da Terra.

Todavia, embora seja o pontífice, os posicionamentos e mudanças promovidas pelo papa argentino não têm agradado a todos os membros da hierarquia católica, notabilizando-se uma relação de conflito de forças internas que, cada uma do seu lado, se empenha em influenciar nas decisões de grande impacto, por assim dizer, no catolicismo. Ou seja, dois lados que tentam destacar-se no processo de regulação social.

Tomemos como exemplo a discussão tornada pública entre quatro cardeais católicos¹⁴ e o papa jesuíta em relação a suas orientações na exortação apostólica *Amoris Laetitia* (A Alegria do amor). O documento é fruto do sínodo realizado entre bispos católicos nos anos de 2014 e 2015, no qual foi discutido amplamente a situação das famílias. O ponto mais criticado por um grupo de cardeais conservadores aborda a questão da possibilidade de comunhão para casais de divorciados católicos que voltam a casar.

Os mesmos quatro cardeais acusam Francisco de causar confusão na cabeça dos fiéis quando, através de sua busca pela proximidade a todos, acaba promovendo o que seria uma relativização dos fundamentos e entendimentos morais da igreja católica e, conseqüentemente, o afastamento de católicos da instituição. Seria, na teoria dos mesmos, o oposto do pretendido pelo líder católico.

De uma forma ou de outra, a discussão entre os grupos de lideranças católicas também é um reflexo da tentativa de adequação da igreja católica, uma das mais tradicionais existentes, em se aproximar de seus fiéis e permanecer efetivamente vinculada a eles. Na modernidade, mais do que em qualquer outro período, a adesão e prática religiosa tornou-se realmente uma opção de seus adeptos, deixando as grandes

¹³ Talvez seja importante pontuar que neste estudo o termo manipulação é tratado em seu sentido amplo, não estritamente ligado a uma “má ação” sobre os indivíduos, mas à influência de um agente sobre seu público-alvo.

¹⁴ Mais detalhes sobre os quatro cardeais e o questionamento público ao Papa Francisco podem ser encontrados no link <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37998143>.

instituições com o desafio de conquistar seus “consumidores”, e, se não querem perder para a concorrência, devem estar cada vez mais próximas dos mesmos e buscando atender as suas necessidades.

Diferentemente de outros períodos em que participar de uma religião era algo natural, até mesmo hereditário, na modernidade a pluralidade de instituições e maior liberdade de escolha, se não de participação ao menos de compreensão, propiciam a relativização dos vínculos até então considerados indestrutíveis entre indivíduos e instituições religiosas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certa vez, um padre visitou um grupo de monjas e perguntou a uma delas pela grade que os separava de sua cela de atendimento: “Irmã, a senhora não se sente isolada neste mosteiro? Vendo-a daqui dessa grade até parece uma presa”. Ouvindo a comparação, sem demora a monja respondeu-lhe: “Mas, padre, olhando daqui quem parece que estar preso é o senhor”. Parece-nos que chegamos ao ponto que este texto de forma singela almejava chegar. Pensar nas instituições como fontes geradoras de sentido seria perceber a influência direta que tais grupos e/ou comunidades têm na forma de vida das pessoas.

Enquanto Igreja Católica, é salutar que em tempos de crises de sentido, frutos também da pluralidade e acesso de diferentes formas de compreender e experimentar o real, os líderes religiosos compreendam que se reconhecer não mais como uma instituição primária e sim uma instituição intermediária pode ressignificar a experiência religiosa e cultivar a consciência de seu importante papel de contribuir para a percepção de uma realidade plural e integrativa.

Mais que isso, quando os católicos são convidados a enxergarem a paisagem além de suas muralhas, eles têm a oportunidade de um maior e autêntico discernimento que os permitem avaliar criticamente os seus valores e fontes de significação, e de se reconhecerem livres ou presos diante da própria “alienação” em sua experiência do real e do transcendental.

Utilizando-nos da própria analogia de Berger e Luckmann¹⁵, as instituições são como um muro que limita nossas fontes de sentido e que às vezes pode se deteriorar com o surgimento de buracos causando a fragilidade nos valores cultivados. A solução de nossas crises de sentido talvez nunca seja o conserto dos nossos muros ou a derrubada dos mesmos, mas sim a permanência da nossa possibilidade de enxergar tudo o que está fora dele e, de forma “livre”, escolhermos se permanecemos onde estamos ou se nos aventuramos a conhecer novas prisões do real.

Jorge Mário Bergoglio, bispo de Roma, afirma muito seu desejo por uma igreja em saída. Uma igreja capaz de construir pontes, não de destruir muros. Talvez pontes que nos façam passar por cima dos muros.

Portanto, quando canalizamos a reflexão sobre as fontes de sentido na vida dos adeptos do catolicismo, podemos perceber o empenho do líder maior da Igreja Católica Apostólica Romana, o Papa Francisco, em fortalecer os mecanismos de identificação e envolvimento dos fiéis católicos sem negligenciar a busca pelo diálogo com outras instituições e o respeito mútuo aos que pensam diferente, com o objetivo de alcançarmos a construção de um mundo mais justo, tolerante e em paz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, P. I, LUCKMANN, T. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2002.

CARRANZA, Brenda. **Catolicismo Midiático**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**. São Paulo, SP: Contexto, 2016.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**: Características Gerais da População, Religião e Pessoas Com Deficiência. Disponível em
< http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em 26/02/2017 às 15 horas.

¹⁵ Cf. BERGER; LUCKMANN, 2004.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SANTA SÉ. **Discurso do Papa Francisco na audiência com participantes da plenária do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso no dia 28/11/2013**. Disponível em <<http://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/discurso-do-papa-aos-participantes-da-plenaria-sobre-dialogo-inter-religioso/>>. Acesso em 26/02/2017 às 15 horas.

WEBER, MAX. Os três tipos puros de dominação legítima. In: COHN, Gabriel (Org.). **Max Weber**. São Paulo, SP: Ática, 1982.